UMA ÉTICA DA INFORMAÇÃO PARA PENSAR O ORKUT: reflexões sobre a informação e a liberdade no contexto da Sociedade da Informação

Marcos Antonio Alexandre Bezerra[*]
Eliany Alvarenga de Araújo[**]

Resumo No campo da Ciência da Informação, mesmo em face dos avanços em torno das discussões éticas, de responsabilidade social e de gestão da informação, pouco se tem discutido acerca da Internet e as redes sociais virtuais a partir de uma perspectiva ética. Numa ambiência virtual, sobretudo em redes sociais virtuais como o Orkut, refletir sobre questões éticas torna-se um desafio. Ao mesmo tempo em que não se pode negar que o Orkut, sobretudo no Brasil, é um fenômeno de comunicação, informação, interação, sociabilidade que envolve milhões de usuários, não se pode ainda afirmar com segurança, que conhecemos todas as conseqüências éticas, políticas e culturais desta ambiência informacional na realidade. Este texto objetiva gerar uma reflexão a partir das seguintes indagações: que ética da informação se configura no Orkut? Neste contexto a informação é um instrumento de liberdade? A partir destas indagações elaboramos nossa reflexão que se apóia na Ética da Informação proposta por Rafael Capurro e nos conceitos de liberdade e igualdade proposto por Norberto Bobbio.

Palavras-chave ÉTICA DA INFORMAÇÃO
SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO
ORKUT

[*] Jornalista e Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação-PPGCI/CCSA/UFPB.
E-mail: euejesus@gmail.com

[**] Doutora em Ciência da Informação e Docente Titular do Departamento de Ciência da Informação-DCI/CCSA/UFPB.
E-mail: y.alvarenga@gmail.com

1 Introdução

O *Orkut* é uma rede social virtual criada em 2004 por *Orkut Büyükkokten*[1], um engenheiro turco da empresa americana *Google*. É uma comunidade *on-line*, cuja principal característica é promover a interação entre pessoas e um "ponto de encontro" de amigos. Na própria apresentação do site evidencia-se essa finalidade:

> O *Orkut* é uma comunidade on-line desenvolvida para promover a interação entre as pessoas, estabelecer relacionamentos e criar comunidades em torno de interesses comuns. Desde seu lançamento em 2004, o *Orkut* cresceu incrivelmente em todo o mundo. Proporcionamos um ponto de encontro on-line com um ambiente de confraternização, onde é possível fazer novos amigos e conhecer pessoas que têm os mesmos interesses. Participe do Orkut para estabelecer seu círculo social e se conectar a ele. [2]

1 Informação disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT794776-1653,00.html,>

2 Conteúdo disponível em: <http://www.orkut.com/About.aspx?page=keep>

Para se ter uma idéia do êxito que o *Orkut* alcançou em apenas quatro anos de funcionamento, segundo estimativas do próprio site, e levando em consideração somente as 50 principais comunidades, o total é de mais de 37 milhões de membros e aproximadamente 1,3 milhões de visitantes por dia[3]. Além disso, uma pesquisa de um dos mais importantes institutos de pesquisa do Brasil, o Ibope NetRatings[4], apontou que o *Orkut* é o site mais acessado do Brasil. Além dessa pesquisa, o Alexa[5], empresa eletrônica que registra a popularidade de sites em todo mundo, também desataca o Orkut como o endereço mais acessado da internet. Vale salientar que o Brasil lidera o ranking[6] como país que mais possui membros cadastrados no *Orkut*, ficando a frente de países como EUA (onde o serviço foi criado) e Índia – ambos com um número bem superior de habitantes. Assim temos que precisamente 54,26 % dos membros do Orkut são do Brasil.

Ainda a respeito do funcionamento do *Orkut* como uma rede social, Recuero (2004, p.7), em artigo publicado no mesmo ano de criação do *Orkut*, em 2004, destaca:

> Inicialmente, um software denominado Orkut oferece as primeiras pistas para o desenvolvimento da análise. Criado por *Orkut Buyukokkten*, ex-aluno da Universidade de Stanford e lançado pelo Google em janeiro de 2004, o software é uma espécie de conjunto de perfis de pessoas e suas comunidades. Nele é possível cadastrar-se e colocar fotos e preferências pessoais, listar amigos e formar comunidades. Os indivíduos são mostrados como perfis, é possível perceber suas conexões diretas (amigos) e indiretas (amigos dos amigos), bem como as organizações sob a forma de comunidades. Além disso, existem ferramentas de interação variadas, tais como sistemas de fóruns para comunidades, envio de mensagens para cada perfil, envio de mensagens para comunidades, amigos e amigos de amigos (normalmente utilizadas para *spam*).

Refletindo sobre o *Orkut*, percebemos que seu sucesso enquanto rede social deve-se ao fato de que as pessoas encontram nele um canal, um espaço onde podem expressar gostos, opiniões, identidades e interesses, manifestando seus pensamentos e, ao mesmo tempo, sendo ouvidos (lidos) por outros. Portanto, o *Orkut*, configurado como esse tipo de rede, responde afirmativamente à necessidade intrínseca dos indivíduos de reproduzir simbolicamente suas experiências individuais, transformando-as em discursos (os fóruns de participação das comunidades são exemplos disso) com significação, em informações sobre seus mundos, as quais podem e são comunicadas entre seus semelhantes. E é possivelmente por esse fator, por exercer essa liberdade de forma não-reflexiva, premidos pelo desejo, pelo excesso, pela ânsia de demonstrar o que pensam e o que sentem que, todavia, os usuários do *Orkut* podem provocar uma ruptura, uma mudança de estrutura no equilíbrio de sua dinâmica informacional e, conseqüentemente, na dinâmica informacional do contexto social que os envolve. Tal ruptura pode comprometer valores morais vigentes, o que pode nos colocar diante de uma crise ética, ou ainda diante da necessidade de refletirmos sobre uma questão iminente: qual seria a ética da informação presente no *Orkut*?

O questionamento feito nos coloca diante de uma realidade complexa, pois ao mesmo tempo em que o *Orkut* possibilita o encontro de individualidades/vivências que experimentam um compartilhamento de sentimentos – os quais expressam aspectos solidários e dignos de representar os melhores sentimentos do ser humano –, por outro lado ele também se constitui num espaço informacional que possibilita a expressão de aspectos negativos e violentos deste mesmo ser humano. Exemplos das rupturas graves em relação aos valores morais considerados válidos e que têm orientado nossa convivência social podem ser vistos no quadro[7] a seguir, fornecidos pela Safernet (ONG que administra o Centro Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos no Brasil):

3 Dados disponíveis: <http://www.orkut.com/About.aspx?page=keep> referentes até 2006.

4 Disponível em: <http://br.tecnologia.yahoo.com/article/30012008/25/tecnologia-noticias-site-acessado-brasil-sinais-queda.html>

5 Disponível em: <http://www.alexa.com/site/ds/top_sites?cc=BR&ts_mode=country&lang=none>

6 Ranking divulgado no próprio site do *Orkut*, Disponível em: <http://www.orkut.com/MembersAll.aspx>

7 Disponível em: <https://safernet.org.br/twiki/pub/SaferNet/CrimesOrkut/MPF-SP_ACP_Google.pdf >

Comunicações de crimes praticados no site *ORKUT*

Tipo de Conteúdo	Número de Comunicações	
Pornografia Infantil	39.185	39,82%
Apologia e Incitação a Crimes contra a Vida	18.262	18,55%
Atividade de Grupos Neonazistas	13.253	13,46%
Maus Tratos contra Animais	11.970	12,16%
Racismo	6.512	6,62%
Intolerância Religiosa	6.427	6,53%
Homofobia	1.804	1,83%
Xenofobia	1.014	1,03%
TOTAL	98.427	100,00%

Fonte: SAFERNET Brasil. Período informado: 30 de janeiro a 20 de agosto de 2006.

A partir destes dados, temos que considerar que a tecnologia da informação, mais do que as outras tecnologias (posto que aquela atua a partir da linguagem, a qual configura-se como o instrumento fundante de representação da realidade) nos interpela, ou seja, estabelecemos uma relação recíproca com a mesma, no sentido de que sofremos a ação da tecnologia com a qual interagimos e também a transformamos através da interpretação que fazemos dela, com os usos que destacamos, com os desvios que somos capazes de realizar. Conforme Guattari (1992), ao propor um novo conceito de subjetividade, vivenciamos o nascimento de uma subjetividade composta de elementos materiais e imateriais os mais diversos, devendo ser compreendida sob uma perspectiva polifônica, não mais restrita a mecanismos psicológicos. Assim, tudo que nos cerca (a cidade, os objetos, os afetos, os corpos, a tecnologia de informação, a linguagem, a natureza), bem como toda a materialidade que nos rodeia figuram como elementos constitutivos de nossa subjetividade. Temos nesta configuração o que Castells (2003, p. 43) denomina de "interações dialéticas", ou seja, vivenciamos um processo amplo, complexo e circular onde ser humano e artefatos tecnológicos interagem continuamente, chegando a um ponto tal em que não conseguimos separar a essência do humano e do artificial. Esta interação contínua não possibilita a permanência de espaços puros ou estanques, isto é, no contexto desta nova subjetividade, "nada" e "ninguém" fica preservado de rupturas ou acomodações. Sob esta consideração temos que o campo dos valores morais sofre continuamente "ataques", no sentido de que este é transformado (seja por acomodações ou por rupturas) cotidianamente.

A partir destas considerações, reafirmamos nossa indagação, e a possibilidade de responder à mesma constitui-se no objetivo deste texto. Assim temos que: sob qual ótica podemos caracterizar uma ética da informação no contexto do *Orkut*? Se nos posicionarmos sob a ótica da acomodação, poderemos enxergar o *Orkut* como um espaço informacional repleto de violência e abusos morais. Por outro lado, se nos posicionarmos sob a ótica da ruptura, visualizaremos o *Orkut* como um espaço informacional repleto de possibilidades de comunicação e troca, que nos remete e cria alternativas de preservação das primordiais interações humanas. Estas duas posições nos parecem extremas e, como tais, podem estar ocultando elementos importantes do fenômeno informacional, tais como: necessidades e uso de informação, barreiras informacionais, geração, disseminação e recepção de informação. Esta reflexão, a partir destes elementos, e considerando a nova subjetividade como espaço de interações dialéticas, pode criar uma compreensão mais próxima da realidade de uso do *Orkut* e nos esclarecer sobre aspectos contemporâneos do fenômeno informacional.

A partir destas considerações introdutórias, temos que esta reflexão está estruturada a partir dos seguintes elementos: **Introdução**, onde apresentamos o *Orkut* como uma rede social e problematizamos a temática: ética da informação e *Orkut*. Num **segundo momento,** apresentamos nossas análises sobre a Sociedade da Informação, a Informação enquanto fenômeno social com possibilidades de gerar a acumulação ou a ruptura. Num **terceiro momento,** apresentamos a proposta de Rafael Capurro, denominada de "Ética da Informação" e tecemos uma rede conceitual entre a mesma e o conceito de liberdade de Norberto Bobbio e ainda buscamos uma inter-relação entre a ética da informação, a liberdade e o fenômeno informacional. Na verdade, neste momento, nos indagamos: seria a informação um instrumento de liberdade, em especial no contexto informacional do *Orkut*? Num **quarto momento,** aplicamos estas reflexões ao contexto

informacional do *Orkut*. Nas **considerações finais,** refletimos sobre o *Orkut*, a informação e liberdade humana, procurando com isto compreender as possibilidades de que a informação possa promover ações de liberdade que fortaleçam o ser humano em suas características mais catalisadoras de solidariedade, compaixão e respeito pela própria humanidade.

2 A INFORMAÇÃO E A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

A sociedade contemporânea – globalizada – é centrada no uso e aplicação da informação. O cerne das transformações que presenciamos refere-se às tecnologias de informação, processamento e comunicação (TIC's), as quais vêm impondo novos desafios para reflexão nas diversas áreas do conhecimento. Além disso, um novo sistema de comunicação que fala uma língua de caráter cada vez mais universal, por meio dos processos digitais, tanto pode fomentar a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens, como pode personalizá-los de acordo com os gostos, identidades e usos dos indivíduos. Esse cenário configura a Sociedade da Informação.

Todavia, segundo Sousa e Azevedo Netto (2006), a informação nunca deixou de ser um elemento de grande valor para as sociedades. Desde o tempo da caverna de Lascaux, na França, com as pinturas rupestres até a Galáxia de Gutenberg, com a Imprensa, a informação sempre existiu e foi fator preponderante na construção da cultura e da comunicação dos povos. A diferença agora é que ela passa a assumir papel cada vez mais importante nas tomadas de decisões nos âmbitos econômico, social e político. Nesse sentido, Castells (1999, p. 50 - 51) destaca que:

> O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso.

Sousa e Azevedo Netto (2006, p. 259) sinalizam também nessa direção quando dizem que houve uma inversão de papéis:

> [...] por muito tempo, informação foi tida como um elemento ou insumo para a produção de diversos bens ligados essencialmente ao campo da ciência e tecnologia (C&T); hoje ela é considerada como principal elemento na agregação de valor aos mais variados produtos e serviços nos diversos campos do saber e da produção.

Castells (1999, p. 50) vai mais além, e explica a importância que a informação assume em nossa era, tornando-se a energia, o motor, a mola propulsora que vai delinear nossas ações e, mais do que isso, a construção de nossos espaços e atividades societais:

> A tecnologia da informação é para esta revolução o que as novas fontes de energia foram para as Revoluções Industriais sucessivas, do motor a vapor à eletricidade, aos combustíveis fósseis e até mesmo à energia nuclear, visto que a geração e distribuição de energia foi o elemento principal na base da sociedade industrial.

Assim, computadores, sistemas de comunicação, decodificação e programação genética podem ser vistos como amplificadores e extensões da mente humana. O que pensamos e a forma como pensamos são expressos em serviços, bens de produção material e intelectual, sejam alimentos, moradia, sistemas de transporte e comunicação, mísseis, educação, saúde ou imagens.

Dessa forma, a Sociedade da Informação corresponde a:

> […] uma forma específica de organização social em que a geração, o processamento e a transmissão da informação tornam-se as fontes fundamentais de produtividade e poder devido às novas condições tecnológicas surgidas nesse período histórico (CASTELLS, 1999, p. 39).

Capurro e Hjorland (2007), em contrapartida, esclarecem que é lugar-comum considerar-se a informação como condição básica para o desenvolvimento econômico juntamente com o capital, o trabalho e a matéria-prima. Entretanto, o que torna a informação especialmente significativa na atualidade é sua natureza digital.

> Embora o conhecimento e a sua comunicação sejam fenômenos

> básicos de toda sociedade humana, é o surgimento da tecnologia da informação e seus impactos globais que caracterizam a nossa sociedade como uma sociedade da informação. (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 149).

Barreto (2002), por outro lado, afirma que Sociedade da Informação é o espaço em que se torna universal o acesso aos conteúdos de informação dos estoques de documentos para todos os habitantes de uma realidade. Contudo, será que é possível tornar universal o acesso de um determinado conteúdo informacional para todos os habitantes de uma determinada realidade? A palavra "todos", usada por Barreto, parece-nos caracterizada mais por um esperançoso anseio do que por uma constatação. O momento atual reflete, mais do que nunca, a necessidade de implementação de políticas de informação que possibilitem tanto a inclusão quanto a emancipação do acesso de qualidade à informação pelos indivíduos. O próprio conhecimento de direitos civis, sociais, de perspectiva de ascensão social – por meio de conquistas de oportunidades, por parte dos indivíduos – depende primordialmente não somente do livre acesso à informação quanto a esses direitos, mas também de uma maior circulação da informação acerca deles (os direitos, as oportunidades). Portanto, ressaltamos que o conceito de Sociedade da Informação necessita, ainda, de discussões mais aprofundadas na área e que, aqui, aparece apenas como introdução de uma reflexão.

É no âmbito de uma Sociedade da Informação que se articulam as relações de trabalho, identidade, poder e cultura acrescidas dos conflitos éticos, que aguçam nosso olhar como pesquisadores para ativar o sentido da responsabilidade no que diz respeito às conseqüências de interações individuais e coletivas no campo da informação, aprimorando a qualificação para o diálogo intercultural na base de tipos diferentes de culturas e de valores da informação.

Porquanto, uma compreensão mais completa acerca dessa sociedade nos exige uma interpretação do que seria informação. Em termos conceituais, a informação possui diversas abordagens. Sendo assim, no contexto desta reflexão, optamos por compreender o fenômeno informacional do *Orkut* como prática social. Refletimos, dessa forma, não apenas porque o contexto em si do *Orkut* é social – o próprio site se auto-intitula como rede social –, nem por este possuir um apelo técnico relacional (conheça novos amigos, participe). Contudo, principalmente, porque essa prática é sustentada por sujeitos sociais concretos que se representam e representam os grupos sociais aos quais pertencem, tais como instituições, organizações, empresas, grupos e outros.

Assim, temos que: se hoje a informação pode ser vista como elemento significativo não apenas no que diz respeito a ações políticas, mas também aos aspectos sociais, históricos ou como manifestação da dinâmica cultural de um povo ou de uma região, o direito a essa informação não deveria assumir a mesma importância que se preconiza no que concerne aos direitos determinados como fundamentais pela constituição, como o direito à saúde, moradia, à justiça, à educação?

Vale salientar que no campo da Ciência da Informação considera-se a possibilidade de pensar o fenômeno informacional sob a perspectiva da informação como um bem social e, como tal, como um direito fundamental. Vemos que, na década de 70, os estudiosos da área, Sokolov e Mankevich (1978) apontavam a existência de três tipos de informação: elementar ou física, biológica e social. Para eles, a Ciência da Informação estaria relacionada à terceira categoria: a informação é um fenômeno social.

O fenômeno informacional – essencialmente – não é algo que se dá de forma independente, involuntária, natural, antes necessita da participação de um sujeito cognitivo. Este sujeito é social, pois está envolto e inserido em uma realidade social, pela qual ele é influenciado a todo o momento. No instante em que esse sujeito se apropria da informação, ela passa a ser capaz de impulsionar, direcionar, potencializar uma mudança dessa realidade. Nessa perspectiva, Marteleto (1987, 171) esclarece: "a informação deve ser pensada como elemento capaz de impulsionar uma mudança social e não de mascarar a realidade".

Desse modo, a conceituação da informação é expressa como:

> Prática social de atribuição e comunicação de sentido(s) que, por sua vez, pode provocar transformações nas estruturas tanto individuais, como sociais, pois pode gerar novos estados de conhecimento. (ARAÚJO, 1998, p. 22).

Tanto o conceito acima quanto a afirmação de Marteleto (1987) nos auxiliam a perceber que a informação, enquanto ação social de atribuição e comunicação de sentido tem a capacidade de transformar as estruturas mental e social. Todavia, como essa transformação é possível? A informação por si só não tem a capacidade de mudar estruturas ou modificar determinada realidade. Para que isso aconteça, é preciso levar em consideração as subjetividades, as identidades desses sujeitos, bem como o contexto no qual estão imersos e o uso que fazem dessa informação. Essa acepção de informação, logo, assume uma concomitante dualidade de relevância individual e coletiva.

Entretanto, segundo Araújo (1998, p.34), a informação apresenta um caráter contraditório:

> Uma vez que ela pode provocar transformações no sentido de transformar por acumulação (a informação veiculada confirma a realidade, gerando equilíbrio), ou pode transformar por ruptura (a informação não confirma a realidade conforme a conhece o sujeito do conhecimento, gerando mudanças).

Essa segunda categoria (informação que transforma por ruptura) caracteriza-se por ser um momento em que determinada realidade (coletiva e/ou individual) é afetada por uma informação específica, e ocorre um rompimento de valores, interesses, ideais da própria estrutura. Nesse instante, configura-se, portanto, o espaço onde surgirão dilemas e conflitos éticos. Por essas colocações, faz-se necessária a construção de um olhar ético sobre a sociedade da informação, sobre o papel que a informação assume nessa sociedade.

3 A ÉTICA DA INFORMAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE EM RAFAEL CAPURRO

Neste texto, conforme já citado anteriormente, objetivamos refletir sobre o fenômeno informacional do Orkut a partir do conceito de ética da informação de Rafael Capurro. Visando aprofundar nossa compreensão sobre tal temática, analisaremos conceitualmente a ética, a ética da informação como proposta por Capurro (2005) e a liberdade humana a partir de Bobbio (1996).

A função fundamental da ética é explicar, esclarecer ou investigar uma determinada realidade, elaborando os conceitos correspondentes. É o que enfatiza Vásquez (1975, p. 11):

> A ética é teoria, investigação ou explicação de um tipo de experiência humana ou forma de comportamento dos homens, o da moral, considerando a sua totalidade, diversidade e variedade. O que nela se afirme sobre a natureza ou fundamento das normas morais deve valer para a moral da sociedade grega, ou para a moral que vigora de fato numa comunidade humana moderna.

Para Mora (2001, p. 931), a ética seria a ciência que se ocupa de objetos morais em todas as suas formas de evoluir. Segundo ele, a ética – que teve acepção original de doutrina de costumes – evoluiu, acercando-se da dimensão moral; em outras palavras, das formas de subjetividades, de relações sociais e valores de comportamento.

Acreditamos que, mesmo em uma ambiência digital (virtual), onde não predomina o uso dos sentidos olfato e tato, os sujeitos (atores sociais, internautas) "carregam" consigo valores éticos, ainda que não necessariamente estes sejam catalisados. Refletimos a ética como algo que está indissociavelmente ligado aos fenômenos sociais, ou seja, intrinsecamente ligada ao ser humano. É o que também atesta Souza (2002, p. 17):

> O termo ética recobre um fenômeno da existência social que nasce com a humanidade, a partir do momento em que o homem toma consciência de seu ser com o outro. A ética, assim, está relacionada ao momento fundante do perceber-se e sentir-se em relação com o outro ser que é semelhante e que, portanto, deve também perceber-se e sentir-se como semelhante. Essa tomada de consciência de ser e estar entre iguais exige a formulação de princípios que resguardem a individualidade e sua integridade no coletivo, concebendo a todos os de mesma origem como sendo iguais na relação com o mundo.

Os conceitos de ética revelam que os contextos societais, a exemplo da dinâmica informacional do *Orkut* sinalizam que seja apropositado para a Ciência da Informação refletir, discutir e ampliar a questão da Ética da

Informação, bem como investigar a relação de sociabilidade (conflitos, dilemas, problemas e mudanças) que o *Orkut* promove enquanto rede social.

A partir destas reflexões, consideramos pertinente uma ética da informação que contemple os dilemas, conflitos e delitos éticos ocorridos por meio do uso do *Orkut*. Nesse sentido, Rafael Capurro (2001) propõe o conceito de ética da informação como força motriz para balizar a liberdade de acesso dos sujeitos (o pensar e o agir humano) no contexto digital. Segundo Capurro (2001, p. 41),

> Ética da informação é a forma de reflexão sobre as possibilidades e realização da liberdade humana no contexto da rede digital mundial (Internet), bem como a troca, combinação e utilização desta informação no meio da comunicação transmitida digitalmente." (CAPURRO, 2001, p. 41)

De modo mais particular, a partir dessa compreensão conceitual formulada por Capurro, nos debruçamos sobre a ética da informação como teoria emancipatória por entendermos que, na Internet, especificamente no *Orkut*, a liberdade de informação/expressão/comunicação assume uma nova proporção não apenas na relação do espaço e do tempo, mas também na relação dos conteúdos informacionais, havendo assim a necessidade de se pensar em uma ética que venha balizar esse fenômeno informacional.

Rafael Capurro (2001) destaca que a liberdade de expressão oral e a liberdade da palavra escrita (liberdade de imprensa) são dois marcos centrais na história da humanidade e que com o surgimento da informação eletrônica (digital/virtual), a liberdade de acesso passa a ocupar lugar central nas discussões.

De acordo com esse mesmo autor (2005), a ética da informação como uma teoria emancipatória, desenvolve críticas de atitudes morais e tradições no campo da informação em um nível individual e coletivo. Além disso, ocupa-se da crítica do comportamento moral e da tentativa de desmascarar mitos acerca da informação e de promover um espaço de reflexão sobre a liberdade de acesso na Internet. A ética da informação está relacionada, por conseguinte, tanto à observação e crítica da conduta social no campo da informação, quanto à investigação de estruturas de poder ou de sociabilidade dos sujeitos, determinadas por relações estabelecidas por uma dinâmica informacional. Nesse sentido, segundo Capurro (2005), a liberdade de acesso está vinculada ao princípio democrático de igualdade de chances.

Conforme Japiassu e Marcondes (1996, p. 163 e 164), a palavra *liberdade* aparece como condição daquele que é livre. É uma capacidade de agir por si mesmo. Caracteriza-se como um espaço de autodeterminação, independência, autonomia. No sentido ético tem-se que este termo relaciona-se à liberdade do direito de escolha pelo indivíduo de seu modo de agir, independentemente de qualquer determinação externa. Assim, a liberdade também implica na responsabilidade do indivíduo por seus próprios atos.

O conceito de liberdade abriga uma grande multiplicidade de significados. Em essência, significa uma qualidade ou valor da pessoa humana. Assim temos que Rousseau, citado por Bobbio (1996), nos lembra que a liberdade resume o fato de que o ser humano, enquanto parte do todo social, não obedece aos outros seres humanos, mas a si mesmo. Esta configuração libertária de Rousseau deve ser contrabalanceada pela compreensão racional de Kant, também citado por Bobbio (1996), no sentido de que a liberdade representaria a faculdade de fazer tudo o que se queira, contanto que não se cause injustiça a ninguém. Para atingir este grau de compromisso, Kant considera que a liberdade é uma vontade auto-determinada que não se baseia em impulsos sensíveis, mas tem seu fundamento nos ditames da razão. Para não deixar o ser humano refém de uma razão abstrata, Kant afirma que a liberdade é também a faculdade de só obedecer às leis externas (normas jurídicas), as quais o ser humano compreende e relaciona às suas leis internas (valores pessoais).

Neste contexto de reflexão sobre a liberdade como uma medida para analisar o fenômeno informacional *Orkut*, temos que considerar também os conceitos de liberdade negativa e liberdade positiva. Conforme Bobbio (1996), a liberdade negativa nos lembra, pela sua própria denominação, que algo está ausente, que algo está sendo negado e pode ser caracterizada pela situação na qual um sujeito tem a possibilidade de agir sem ser impedido, ou de não agir sem ser obrigado por outros sujeitos.

A liberdade negativa consiste em fazer – ou não fazer – tudo o que as leis (entendidas no sentido lato e não apenas no sentido técnico-jurídico) permitem ou não proíbem. A liberdade negativa caracteriza-se pela ausência de impedimentos e constrangimentos para a ação do indivíduo.

Por outro lado, a liberdade positiva, conforme Bobbio (1996), caracteriza-se pela autodeterminação ou ainda pela autonomia, ou seja, pela possibilidade que um ser humano tem de orientar seu próprio querer no sentido de uma finalidade, de tomar decisões, sem ser determinado pelo querer dos outros. Neste sentido temos a definição clássica de Rousseau, citado por Bobbio (1996), no sentido de que a liberdade positiva consiste no fato de que o ser humano enquanto parte do todo social, como membro do "eu comum" não obedece a outros e sim a si mesmo, no sentido de que é livre no momento em que obedece às leis que ele mesmo se deu. Ainda neste sentido podemos relacionar a liberdade positiva como a liberdade de querer diante da presença de algo, este por sua vez, seria a comunidade.

A partir destas considerações sobre liberdade negativa e liberdade positiva somos tentados a indagar: qual a verdadeira liberdade? A liberdade negativa (liberdade individual) ou a liberdade positiva (liberdade coletiva)? Conforme Bobbio (1996), o fato de que, historicamente, a liberdade negativa seja, sobretudo, um atributo do indivíduo, enquanto a positiva é, sobretudo, um atributo da coletividade não significa de modo algum que, conceitualmente, as duas liberdades se distingam com base no diferente sujeito que, no final das contas, seria o beneficiário das mesmas. Assim, podemos compreender que as duas liberdades, assim apresentadas conceitualmente, se reúnem e passam a integrar uma só liberdade no contexto da realidade. Consideramos que a verdadeira liberdade seja aquela que permita a livre expressão dos indivíduos a partir das dinâmicas normativas que fazem os diferentes contextos sociais nos quais estes vivenciam suas existências.

4 Uma ética da informação para o *orkut* ou a informação como instrumento de liberdade

No caso das redes digitais, a grande questão que emerge em relação à questão ética e mais ainda em relação a uma ética emancipatória é que o sujeito (internauta) está acostumado a mover-se em um espaço aparentemente sem fiscalização, sem moderação, sem normalização ou que, por ser virtual, dificulta a identificação de sujeitos reais que aparecem e desaparecem subitamente. Isto é, na Internet, as idéias de tempo e espaço são modificadas porque assumem uma dinâmica própria, aparentemente independente; os conteúdos são alterados a todo instante e o tempo é fragmentado: uma informação presente hoje pode não estar amanhã. E o mais paradoxal é quando também emergem, com grande intensidade, posicionamentos que se contrapõem à moral vigente, isto é, àquilo que os próprios internautas consideram adequado, pertinente ou passível de ser opinado, debatido e veiculado.

Temos, em termos amplos, uma tendência a considerar que, no contexto do *Orkut*, uma das características fundantes é a liberdade humana, visto que, neste contexto, a liberdade dos sujeitos é potencializada pela possibilidade de escolha e anonimato. Entretanto, percebemos que a tensão surge quando esses posicionamentos ferem aquilo que está estabelecido como norma, como base ou medida para a realização ou a avaliação de alguma coisa em determinado contexto social. Em outras palavras, quando parece não existir, ou ao menos quando é difícil perceber, nesse mesmo espaço, quaisquer indicadores de valores ou normas sociais. Aqui nos cabe indagar: a informação é elemento/instrumento de liberdade humana? De forma ampla, consideramos que a informação tanto pode possibilitar a acomodação, como a ruptura em determinada situação, o que pressupõe a capacidade ou a possibilidade do sujeito cognitivo-social agir por si mesmo.

A partir destas considerações, indagamos novamente: a informação enquanto elemento constitutivo do contexto comunicacional do *Orkut* é um instrumento de liberdade? A princípio, podemos considerar que tal situação se configura positivamente. No entanto, devemos buscar nas reflexões da Ética da Informação de Capurro um apoio para uma reflexão mais crítica. Assim, quando este pensador coloca que a liberdade de acesso está vinculada ao princípio democrático de igualdade de chances, temos uma sugestão forte de que a questão da liberdade não se resolve apenas por meio dela. Esta afirmação de Capurro (2005) nos faz afirmar que se não temos tal situação, não estamos presenciando uma

liberdade humana real, pois a desigualdade de oportunidades é uma sombra invisível estampada na consciência dos sujeitos sociais. Ao citarmos esta consideração de Capurro, estamos propondo uma compreensão de que a liberdade só se efetiva quando encontra a igualdade. Conforme Bobbio (1996, p.13), o único nexo social relevante entre liberdade e igualdade se dá nos casos em que a liberdade é considerada como o fato de que os membros de um determinado grupo social são ou devem ser iguais. Tal situação resulta na característica de que os membros de um determinado grupo adquirem – eles são *igualmente livres ou iguais na liberdade*. Essa é a melhor prova de que a **liberdade é a qualidade** de um sujeito social, enquanto a **igualdade é um modo de estabelecer um determinado tipo de relação** entre os sujeitos sociais de uma totalidade, mesmo quando a única característica comum desses sujeitos seja o fato de serem livres.

A partir destas considerações entendemos que no contexto do *Orkut* existem possibilidades do surgimento de uma igualdade aparente, ou melhor, de um tipo de relação de igualdade, pois neste contexto informacional temos a presença de sujeitos livres que se associam a partir de interesses temáticos similares. Diante de interesses conciliados surgem as comunidades no *Orkut* e delas participam aqueles que se sentem atraídos pelas temáticas e posicionamentos expressados pelos componentes das mesmas. Assim, podemos falar de uma identidade coletiva ou ainda de subjetividades compartilhadas por meio da dinâmica informacional presente no *Orkut*. Assim, se a liberdade só se efetiva quando encontra a igualdade, temos neste contexto uma forte tendência a considerar que a informação veiculada no contexto do *Orkut* pode ser um instrumento de liberdade. Entretanto, esta visão nos parece precipitada, no sentido de que devemos pensar que no contexto do *Orkut* temos uma dinâmica informacional que pode produzir acomodações, no sentido de que a mesma confirma a pré-existência de conteúdos no conjunto de conhecimentos dos internautas. Mas este mesmo contexto informacional também pode provocar rupturas, no sentido em que a dinâmica informacional pode provocar mudanças, pois a mesma não confirma conteúdos pré-existentes no conjunto de conhecimentos pré-existentes dos internautas. Assim, temos que tanto a acomodação como a ruptura representam as possibilidades que a informação gera, tanto em termos individuais como coletivos.

A partir destas considerações temos que relembrar que o conceito de liberdade adotado nesta reflexão nos fala de um processo de autodeterminação baseado na razão e estruturado a partir de uma dinâmica de respeito e equilíbrio entre as normas internas (individuais) e as normas externas (moral e lei). A partir desta consideração, de ordem conceitual, temos que, no contexto do *Orkut*, algumas comunidades não respeitam as normas externas (moral e lei) e, como tal, não possibilitam a realização da liberdade humana neste contexto, tal como a mesma é compreendida neste texto. Apesar das inúmeras possibilidades de liberdade e de acesso/uso e disseminação de informação, consideramos que no contexto do Orkut não ocorre a verdadeira liberdade humana, pois o mesmo caracteriza-se, a partir de algumas comunidades, como um espaço informacional baseado em desrespeito à diversidade de vivências e de subjetividades. Diante destas considerações vemos que, a partir de algumas comunidades, não se dá a geração/acesso/uso e disseminação de informação como exercício de liberdade.

5 Considerações finais

Conforme destacou Oliveira (1993), diferentes vozes e olhares designam a atualidade de nossa vida societária como momento de crise profunda. Essa crise, segundo ele, começa com a crise de nosso ser, nossas atitudes e sentimentos. Diversas formas de solidariedade e comunhão dariam lugar a um individualismo cada vez mais difuso, o qual vai se impondo como mentalidade subjacente aos comportamentos das pessoas em sua convivência social. No caso do *Orkut*, o individualismo do sujeito (marcado por interesses, impulsos e necessidades) encontra na liberdade de consecução de seus fins individuais – desejos, opiniões, gostos, identidades (presentes nos perfis, comunidades e fóruns de participação) – e outros sujeitos premidos pelo mesmo individualismo. Portanto, o *Orkut* surge como associação de indivíduos que, marcados pela acomodação de seu individualismo, rompem com o equilíbrio da dimensão comunitária do ser humano e com a implicação ética de suas ações.

Nessa perspectiva, a perda da dimensão comunitária e ética, em detrimento da liberdade "escancarada", torna-se ainda mais patente com o surgimento da Internet e, conseqüentemente, de redes sociais como o *Orkut*. É ilusório defender que a aplicação das tecnologias da informação elimina a necessidade de reflexão sobre o conhecimento. O que fica evidente é que os "usuários" (internautas) não podem se limitar à liberdade de acesso a esses conteúdos, e sim devem assumir uma nova postura, passando à condição de tomadores de decisões e de responsáveis por suas atividades. É preciso que se tenha clareza de suas intenções, de seus objetivos e que saibam gerir suas necessidades diante das informações que lhes são disponibilizadas. Então, acreditamos que a informação é o conteúdo das mensagens potencialmente capaz de provocar alterações nas estruturas mental (organização do pensamento) e cultural (escala de valores) dos receptores, visando uma ação imediata ou uma mudança de comportamento mais duradoura. Dessa maneira, Morin (1986) assinala que a informação deve ser capaz de nos mudar, de nos enriquecer e de nos transformar, especialmente porque nos permite enxergar o que era invisível para nós, saber o que ignorávamos e admitir aquilo de que duvidávamos.

Com efeito, no campo da Ciência da Informação temos alguns autores que, como Tarapanoff (1996), acreditam que as tecnologias de informação no futuro promovam o advento de uma sociedade mais equilibrada, mais justa, com uma acepção mais humana, com maior qualidade de vida e desenvolvimento sustentado (eficiência econômica e harmonia ecológica). Consideramos mais pertinente pensar que, se de um lado as máquinas, as tecnologias digitais, promoveram facilidades cotidianas na vida do homem, por outro lado, são "perigosas" quando utilizadas sem que se estabeleçam parâmetros éticos.

Assim, consideramos que a Internet e conseqüentemente as redes sociais são um campo ainda envolto em brumas. Enquanto não houver um trânsito reflexivo pelos seus segredos, enquanto não for possível lançar um olhar crítico para o interior da Internet, das redes e do *Orkut*, será dado espaço para muitas especulações e análises superficiais. Parece-nos que a tensão entre o digital e a existência física é a força propulsora para as questões de uma ética informacional neste século XXI. Ao mesmo tempo em que a Internet leva o homem a novas formas de comunicabilidade e sociabilidade – até bem pouco tempo determinadas apenas por fatores geográficos e culturais –, podendo ampliar e enriquecer o horizonte da vida, leva-o a enfrentar velhos e novos conflitos.

Os problemas informacionais não são recentes, contudo acompanham a evolução, a consolidação da Ciência da Informação e sua responsabilidade com tal. Tanto que, já em 1975, Wersig e Nevelling debateram sobre uma nova importância, uma nova visão para um fenômeno antigo. De acordo com esses pensadores:

> Problemas informacionais existem a longo tempo, sempre estiveram mais ou menos presentes, mas sua importância real ou percebida mudou e essa mudança foi responsável pelo surgimento da Ciência da Informação, e não apenas dela". (WERSIG, G., NEVELING U., p. 127)

Nesse sentido, constatamos que a Ciência da Informação não pode se preservar de discutir fenômenos informacionais como o *Orkut*, posto que seu compromisso – de inquestionável importância – em resguardar sua identidade torna-se indispensável, também, para sustentar as diretrizes conceituais que vêm sendo discutidas desde os debates da produção científica até as vozes que ecoam nas instituições de ensino, nos encontros científicos. O desafio desta reflexão é criar um campo de discussões relativas à Ética da Informação, especialmente no que diz respeito às categorias: sociabilidade, espaço/tempo e usos de informação. Vale salientar que essas categorias serão apresentadas, conceitual e analiticamente, a partir da etapa de coleta e interpretação dos dados, em duas comunidades do *Orkut*: Denuncia/Denúncia *Orkut* e Doação de Órgãos. Assim, pelas colocações aqui elaboradas, em relação à Ética da Informação é necessário que haja atitudes de caráter prático e teórico de incessante reflexão na área da Ciência da Informação que venham propiciar a definição de um processo que é intrinsecamente inacabado e permanente. Este é um momento de atividade de aproximação no que se refere ao nosso fenômeno de estudo – o *Orkut* – com o esforço de compreendê-lo e com a consciência de que não o fazemos de forma conclusiva, e sim com o intuito de despertarmos outras reflexões sobre ele, persuadindo-nos, ao mesmo tempo, quanto à necessidade de continuarmos a investigá-lo.

THE INFORMATION ETHICS FOR THINK ORKUT: reflections about the Information and the Liberty on context of Information Society

ABSTRACT *In the field of Information Science, even facing the advances around the ethics discussions, the social responsibility and the information management, little has been discussed about the internet and social virtual nets from an ethical perspective. In a virtual environment, above all, in virtual social nets like the Orkut, reflecting about ethical questions is a challenge. At the same time that it cannot be denied that the Orkut, mainly in Brazil, is a phenomenon of communication, information, interaction, sociability that involves millions of users, it cannot be surely affirmed that we know all the ethical, political, and cultural consequences of this informational environment in reality. This text aims to generate a reflection upon the following questions: Which ethics of information is configured in the Orkut? In this context is information an instrument of liberty? From these questions we elaborate our reflection that is based on the Ethics of Information proposed by Rafael Capurro and in the concepts of liberty and equality proposed by Norberto Bobbio.*

Keywords *INFORMATION ETHICS*
INFORMATION SOCIETY
ORKUT

Artigo recebido em 16.12.2007 e aceito para publicação em 25.04.2008

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. A. de. **A construção social da informação**: práticas informacionais no contexto de organizações não-governamentais - ONGs brasileiras. 1998. 221 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – UnB/CID, Brasília, 1998.

BARRETO, A. de A. A condição da informação. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 16, n. 3, pt. 1, p. 67-74, jul./set. 2002.

BOBBIO, N. **Igualdade e Liberdade**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

CAPURRO, R. and HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, abr. 2007, v.12, n.1, p.148-207.

CAPURRO, R. O Crescimento mundial da rede digital leva a uma ética global da informação? In: **Revista Internacional de Teologia**: Ciberespaço, Ciberética, Ciberteologia, v. 1, n. 309, p. 38-49, 2005.

_____. Ética para provedores e usuários da informação. In: Orgs. Anton Kalb, Reinhold Esterbauer e Hans-Walber Ruckenbauer. **Cibernética – Responsabilidade em mundo interligado pela rede digital**. São Paulo: Loyola, 2001.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1999. p. 39-50.

_____. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

JAPIASSU H, MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. **Micropólitica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1993.

MARTELETO, R. M. Informação: elemento regulador dos sistemas, fator de mudança social ou fenômeno pós-moderno? **Ciência da Informação**. Brasília, v. 16, n. 2, p. 169-180, jul./dez. 1987.

MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia**: Tomo II (E-J). Tradução: Maria Stela Gonçalvez et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 931 – 935.

MORIN, E. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 361.

OLIVEIRA, M. A. de. **Ética e Racionalidade Moderna**. São Paulo: Loyola, 1993, (Coleção Filosofia; 28), p. 22.

RECUERO, R.. **Teoria das Redes e Redes Sociais na Internet: considerações sobre o**

Orkut, os Weblogs e os Fotologs. In. Intercom - XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Porto Alegre, 2004. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17792/1/R0625-1.pdf> Acesso em: 5 mar. 2008.

SÁNCHEZ VÁSQUEZ, **Ética**. Tradução: João Dell'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1995.

SOKOLOV, A. V., MANKEVICH, A. I. Informatika. Apud Belkin, N. Information concepts of information for Information Science. **Journal of Documentation**, v. 34, n. 1. p. 55-85, 1978.

SOUSA, Edivânio Duarte de e AZEVEDO NETTO, C. X. de. Informação e construção da cidadania: representação das ações de informação da Casa Pequeno Davi**. Informação e Sociedade**. João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 259-273, jan./jun. 2006.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Ética e deontologia: textos para profissionais em bibliotecas**. Florianópolis. Ed. da UFSC; Itajaí: Ed. da UNIVALI, 2002.

TARAPANOFF, K. O profissional da informação pensando estrategicamente. In: SIMPÓSIO BRASIL-SUL DE INFORMAÇÃO, 1996, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL/Departamento de Biblioteconomia, 1996. p. 115-141.

WERSIG, G; NEVELING, U. The phenomena of interest to information science. **The Information Scientist**, v.9, n.4, 1975.